

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Vânia Florentino de Souza

VIRTUDE NO PENSAMENTO SOCRÁTICO

Data da apresentação: 08/06/05

Nota: 9,8



Rogério Vieira Jacinto

professor-orientador

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CONFORD, Francis MacDonald. **Antes e depois de Sócrates**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CORBISIER, Roland. Filosofia grega. – Parte Primeira. *In: _____*. **Introdução à filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. Tomo II.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: história e grandes temas. 15 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MONDIN, Batista. **Curso de filosofia**: os filósofos do ocidente. São Paulo: Paulus, 1981. v.1.

_____. **Introdução à filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. 6. ed., São Paulo: Paulus, 1980.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Lisboa: Guimarães, 1993.

REALE, Giovanni. História da filosofia antiga. São Paulo: Loyola, 1994. v. 2.



CONCLUSÃO

Através do estudo do tema "virtude" no pensamento socrático, pude concluir que ela é a ciência do que é bom para o homem, o conhecimento capaz de regular a conduta humana, orientando-a com sabedoria, prudência e moderação.

O homem para se tornar um ser perfeito tem que existir uma dualidade entre o conhecimento e a maneira de usá-la para com o outro. A vontade é de suma importância para adquirir o conhecimento, pois ela está ligada ao desejo de querer e quando queremos, podemos conquistar nossos objetivos. Não basta o homem agir por dever, mas sim, fazer pela vontade, fazer o que o faz sentir bem, não o que é obrigatório, simplesmente para agradar aos outros. Pois a partir do momento em que conhecemos o bem, o nosso verdadeiro bem, não podemos deixar de querê-lo, de desejá-lo.

Segundo Sócrates (REALE, 1994, p. 112), o homem virtuoso é levado a agir bem, pois a virtude é o objeto primário da ética. A virtude de cada homem é o autodomínio e cada um deveria procurá-la, pois não há mais belo caminho para a glória que um homem de bem ser o que realmente deseja parecer, isto é, não demonstrar mais do que é.

A verdadeira pessoa de bem é a que cumpre a lei da justiça, do amor e da caridade na sua maior pureza, interrogando sua consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia.

Para Sócrates, o homem pode ser feliz nesta vida, quaisquer que sejam as circunstâncias, pois o homem é o verdadeiro artífice de sua própria felicidade ou infelicidade.

A melhor maneira de corrigirmos nossas imperfeições é fazendo um cuidadoso estudo de nós mesmos, como dizia Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo".

E corrigindo nosso caráter que limparemos nosso perispírito das manchas que se acumularam nele. A melhor maneira de corrigirmos nossas imperfeições é fazendo um cuidadoso estudo de nós mesmos.

“Conhece-te a ti mesmo”, disse Sócrates (REALE, 1994, p. 88), que foi um luminoso espírito que veio à Terra há muitos séculos passados. Na verdade, precisamos estudar nosso caráter, descobrir quais são os nossos defeitos para, em seguida, corrigi-los. É conhecendo o que somos que ficaremos melhores.

De nossas vidas passadas, nós ainda trazemos um resto de defeitos dos quais precisamos ficar livres. Cada um deve procurar os seus defeitos e arrancá-los de seu coração, como o bom jardineiro arranca do seu jardim as ervas daninhas.

Os vaidosos, os orgulhosos, os soberbos devem esforçar-se para serem amigos de todos com benevolência, carinho e amizade.

Os nervosos e irritadiços devem dominar a cólera, serem mansos e pacíficos e saberem controlar seus nervos.

Os preguiçosos que se acostumem a trabalhar com entusiasmo e alegria.

Os egoístas devem deixar de ser avarentos, pois a nossa tarefa principal é adquirir um bom caráter que constituirá nossa fortuna virtuosa.

A verdadeira pessoa de bem é a que cumpre a lei da justiça, do amor e da caridade na sua maior pureza.

Interrogando sua consciência sobre seus próprios atos, a si mesma perguntará se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia.

Paga o mal com o bem e coloca a justiça acima de tudo.

Não alimenta ódios nem rancores nem desejos de vingança, porém, estuda suas próprias imperfeições e trabalha em combatê-las.

Não se orgulha de suas vantagens pessoais, de seu saber ou de sua força.

Uma pessoa de boas virtudes respeita seus semelhantes como também quer ser respeitada.

mesmo, estabelecer regras universais, válidas para todas as pessoas. O homem que age conforme a razão age corretamente, em concordância com sua alma racional. Por isso, Sócrates acrescentou que quem age mal o faz por ignorância do que é o bem e do que é a essência humana.

Somente o ignorante é vicioso e incapaz de virtude, pois quem sabe o que é o bem sempre agirá virtuosamente, e aquele que não segue o bem é porque não o conhece. Sendo assim, só pode ser um sujeito ético aquele que tem discernimento, sabe definir o que as coisas são e descobre a sua essência, conhece as causas e os fins das suas atitudes.

A ética não cria a moral, na verdade ela determina a essência da moral, a partir das práticas morais já existentes, fundamentando-se nas idéias de bem e virtude enquanto valores morais a serem alcançados pelo homem, ou seja, a ética busca aplicar o conhecimento sobre "o ser" para construir aquilo que "deve ser".

Para Sócrates, *"os problemas da vida humana devem ser resolvidos pela moralidade da aspiração e da busca de um ideal imutável de perfeição"* (REALE, 1994, p.112).

Podemos observar que a virtude é a ciência do que é bom para o homem, o conhecimento capaz de regularizar a conduta humana, orientando-o com sabedoria, prudência e moderação.

Segundo Sócrates, a moralidade identifica-se com o conhecimento: a sabedoria é virtude e a virtude identifica-se com a sabedoria. Se o homem peca, é por ignorância, porque não é admissível que conhecendo o bem e o mal, escolha o mal e não o bem. Os homens que fazem o mal ignoram o bem ou não sabem que o que escolheram é mau (MONDIN, 1981, p.51).

Sócrates incita seus ouvintes a procurarem a verdade e a sabedoria, porque somente a verdade e a sabedoria tornam o homem livre e virtuoso. A felicidade consiste na honestidade, na prática da virtude. Não consiste em algo exterior e passageiro (riqueza, honra, prazeres), como ensinavam os sofistas, mas na consciência reta, no seguir sempre os ditames da razão; numa palavra, na prática da virtude. Sócrates ensina o bem pensar para o bem viver.

CAPÍTULO IV

PRINCIPAIS CONCEPÇÕES SOBRE O BEM E O MAL

A moral é uma construção humana e social. Mas, como o ser humano é um ser social e a sociedade sofre transformações ao longo da história, podemos dizer que a moral, além de possuir um caráter social, caracteriza-se também por uma construção histórica. Com isso, os sistemas morais não são fixos nem imutáveis, pois estão relacionados com as transformações histórico-sociais.

Assim, embora os sistemas morais se fundamentem em valores como o bem, a liberdade e a virtude, o conteúdo do que seja o bem, a liberdade e a virtude varia historicamente, dando origem a moralidades e concepções éticas diversas. Poderíamos dizer que vício e virtude são questões de tempo e de lugar.

A preocupação com os problemas éticos teve início de uma forma mais sistematizada na época de Sócrates, filósofo conhecido como "o pai da moral".

Sócrates não aceitou a proposição dos sofistas, que, levada ao extremo, conduziria a um total desregramento social, já que ficaria a cargo de cada indivíduo decidir o que é melhor em cada ocasião. Ao contrário dos sofistas, Sócrates sustentou que existe um saber universalmente válido, que decorre do conhecimento da essência humana, a partir da qual se pode conceber a fundamentação de uma moral universal. Ou seja, seria possível construir uma moral universal baseada no conhecimento do ser humano ("conhece-te a ti mesmo"), dizia Sócrates (REALE, 1994, p. 88), isto é, no conhecimento daquilo que é essencial a todos os homens, aquilo que todos os homens compartilham apesar de suas eventuais diferenças.

E o que é essencial no ser humano? A sua alma racional. O homem é, essencialmente, razão. E é na razão que se devem, portanto, fundamentar as normas e costumes morais. Por isso, dizemos que a ética socrática é "racionalista", ou seja, fundamentada na razão, no conhecimento que está acima dos interesses e desejos individuais e que pode, por isso

realidade, está cometendo um erro de cálculo e, portanto, se enganando. É vítima de sua ignorância.

Sócrates (MONDIN, 1996, p. 102), identificou na alma a essência do homem, no conhecimento a verdadeira virtude e no autodomínio e na liberdade interior os princípios cardeais da ética levava à proclamação da autonomia do indivíduo enquanto tal.

não se pode responder que é o seu corpo, mas sim que é "aquilo que se serve do corpo". Mas "o que se serve do corpo é a psyché, a alma (= a inteligência), de modo que a conclusão é inevitável. "A alma nos ordena conhecer aquele que nos adverte: Conhece-te a ti mesmo" (REALE, 1994, p.88). Nesse ponto, Sócrates já levava sua doutrina a tal ponto de consciência e de reflexão crítica que chegou a deduzir todas as conseqüências que logicamente brotam dela.

Porém, a virtude do homem outra não pode ser senão aquilo que faz com que a alma seja tal como a sua natureza determina que seja, isto é, boa e perfeita. E, segundo Sócrates (MONDIN, 1996, p. 87), esse elemento é a "ciência" ou o "conhecimento", ao passo que o "vício" seria a privação de ciência ou conhecimento, ou seja, a "ignorância".

Desse modo, Sócrates opera uma revolução no tradicional quadro de valores. Os verdadeiros valores não são aqueles ligados às coisas exteriores, mas somente os valores da alma, que se resumem, todos, no "conhecimento". Naturalmente, isso não significa que todos os valores tradicionais tornam-se desse modo "desvalores", significa, simplesmente, que "em si mesmos, não têm valor". Eles só se tornam valores ou não se forem usados como o "conhecimento" exige, ou seja, em função da alma e de sua "arete". Segundo Sócrates, a virtude é ciência (conhecimento) e o vício é ignorância. Ninguém peca voluntariamente: quem faz o mal, fá-lo por ignorância do bem. Enquanto reduzem o bem moral a um dado de conhecimento, de modo a considerar impossível conhecer o bem e não fazê-lo.

Sócrates tenta submeter a vida humana e os seus valores ao domínio da razão. Para ele, a própria natureza do homem é a sua alma, ou seja, a razão, e as virtudes são aquilo que aperfeiçoa e concretiza plenamente a natureza do homem, ou seja, a razão, então é evidente que as virtudes revelam-se como uma forma de ciência e de conhecimento, precisamente porque são a ciência e o conhecimento que aperfeiçoam a alma e a razão.

Sócrates viu que o homem, por sua natureza, procura o seu próprio bem e que, quando o mal, na realidade não o faz porque se trate do mal, mas porque daí espera extrair um bem. Dizer que o mal é "involuntário" significa que o homem se engana ao esperar um bem dele e que, na

CAPÍTULO III

ESSÊNCIA DO HOMEM

Os naturalistas procuraram responder à seguinte questão: "O que é a natureza ou a realidade última das coisas?" Sócrates, porém, procura responder à questão: "O que é a realidade última do homem?", ou seja, "o que é a essência do homem?" (PLATÃO, 1993, p.30).

Finalmente, a resposta é precisa e inequívoca: o homem é a sua alma, enquanto é precisamente a sua alma que o distingue especificamente de qualquer outra coisa. E por "alma" Sócrates entende a nossa razão e sede de nossa atividade pensante e eticamente operante. A alma é o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral. Consequentemente, com essa sua descoberta, como foi justamente destacado, "*Sócrates criou a tradição moral e intelectual da qual a Europa sempre viveu desde então*" (REALE, 1994, p.87).

É evidente que, se a essência do homem é a alma, cuidar de si mesmo significa cuidar da própria alma mais do que do corpo. E ensinar os homens a cuidarem da própria alma é a tarefa suprema do educador, precisamente a tarefa que Sócrates considera ter recebido de Deus, como se lê na "Apologia".

Estou persuadido de que não há para vós maior bem na cidade do que esta minha obediência a Deus. Na verdade, não é outra coisa o que faço nestas minhas andanças a não ser persuadir a vós, jovens e velhos, de que não deveis cuidar do corpo, nem das riquezas, nem de qualquer outra coisa antes e mais do que da alma, de modo que ela se torne ótima e virtuosíssima, e de que não é das riquezas que nasce a virtude, mas da virtude que nasce a riqueza e todas as outras coisas que são bens para os homens, tanto individualmente para os cidadãos como para o estado (PLATÃO, 1993, p.88).

Um dos raciocínios fundamentais feitos por Sócrates para provar essa tese é o seguinte: uma coisa é o "instrumento" que se usa e outra é o "sujeito" que usa o instrumento. Ora, o homem usa o seu próprio corpo como instrumento, o que significa que o sujeito, que é o homem, e o instrumento, que é o corpo, são coisas distintas. Assim, à pergunta "o que é o homem?"

Nesta fase do diálogo, a intenção fundamental de Sócrates não era propriamente destruir o conteúdo das respostas dadas pelos interlocutores, mas fazê-los tomar consciência profunda de suas próprias respostas, das conseqüências que poderiam ser tiradas de suas reflexões, muitas vezes repletas de conceitos vagos e imprecisos.

Libertos do orgulho e da pretensão de que tudo sabiam, os discípulos podiam então iniciar o caminho da reconstrução de suas próprias idéias. Por isso, essa fase do diálogo socrático, destinava à concepção de idéias, era chamada de maiêutica, termo grego que significava "arte de trazer à luz".

Sócrates não dava importância à posição socioeconômica de seus discípulos. Dialogava com ricos e pobres, cidadãos e escravos. O que importava eram as condições interiores, psicológicas de cada pessoa, pois essas condições eram indispensáveis ao processo de autoconhecimento.

Para a democracia ateniense, da qual não participava a maioria da população, composta de escravos, estrangeiros e mulheres, Sócrates foi considerado subversivo. Representava uma ameaça social, na medida em que desrespeitava a ordem vigente e dirigia suas atenções para as pessoas sem fazer distinções de classe ou posição social. Interessado tão-somente na prática da virtude e na busca da verdade, contrariava os valores dogmáticos da sociedade ateniense. Por isso, recebeu a acusação de ser injusto com os deuses da cidade e corromper a juventude.

Diante de seus juizes, Sócrates assumiu uma postura viril, altaneira, imperturbável, de quem nada teme. Permanecia absolutamente em paz com sua própria consciência. Se alguém lhe perguntasse, "Não te envergonhas, Sócrates, de ter dedicado a vida a uma atividade pela qual te condenam à morte?", ele responderia:

Estás enganado. se pensas que um homem de bem deve ficar pensando, ao praticar seus atos, sobre as possibilidades de vida ou de morte. O homem de valor moral deve considerar apenas, em seus atos, se eles são justos ou injustos, corajosos ou covardes (PLATÃO, 1993, p.14).

Foi assim que Sócrates procurou caracterizar sua vida: construindo uma personalidade corajosa e guiando sua conduta pelo seu critério de justiça. Viveu conforme sua própria consciência. Morreu sem ter renunciado a seus mais caros valores morais.

deixou nada escrito, e o que se sabe dele e do seu pensamento vem dos textos de seus discípulos e de seus adversários.

Conta-se que Sócrates era filho de um escultor e de uma parteira. Uma dupla herança que, simbolicamente, o levou a esculpir uma representação autêntica do homem, fazendo-o dar à luz suas próprias idéias.

O estilo de vida de Sócrates assemelhava-se, exteriormente, ao dos sofistas, embora não "vendesse" seus ensinamentos. Desenvolvia o saber filosófico em praças públicas, conversando com os jovens, sempre dando demonstrações de que era preciso unir a vida concreta ao pensamento. Unir o saber ao fazer, a consciência intelectual à consciência prática ou moral. Através dos diálogos aperfeiçoava seu raciocínio filosófico. Sua figura representa o compromisso íntimo entre a vida e a filosofia. Sua importância histórica não se deve a obras escritas, que não deixou, mas ao valor exemplar de sua palavra e de sua trajetória de vida.

Desempenhou alguns cargos políticos e foi sempre modelo irrepreensível de bom cidadão, valoroso soldado e rígido magistrado. Mas em geral conservou afastado da vida pública e da política contemporânea, que contrastavam com seu temperamento crítico e com seu reto juízo. Julgando que deveria servir à pátria conforme suas atitudes, vivendo justamente e formando cidadãos sábios, honestos, temperados e diversamente dos sofistas que agiam para o próprio proveito e formavam grandes egoístas capazes unicamente de se acometerem uns contra os outros e escravizar o próximo.

CAPÍTULO I

SÓCRATES: VIDA

Sócrates nasceu em 469 a. C., em Atenas, quando a cidade já tinha atingido o máximo de seu esplendor artístico e o vértice de seu poderio militar e econômico. Seu pai Sofronisco, era escultor, e sua mãe, Fenareta, parteira. Dotado de grande resistência física, não se abatia nem com o trabalho nem com as dificuldades. Era moderado no comer e no beber, mas se necessário (em caso de aposta) ganhava de todos sem nenhuma consequência (PLATÃO, 1993, p. 221).

Começou o estudo de filosofia ainda jovem. O acontecimento decisivo de sua vida deu-se quando o oráculo de Delfos revelou a um amigo que nenhum homem era mais sábio do que ele. Procurou interpretar o significado do oráculo e concluiu que ele era o mais sábio porque tinha consciência de sua própria ignorância. Inteiramente absorvido pela sua vocação, não se deixou distrair pelas preocupações domésticas nem pelos interesses políticos, tendo tomado parte em várias campanhas militares, demonstrando sempre grande coragem e heroísmo...

Manifestou sua incerteza moral quando, em 406, recusou-se a dar seu voto pela condenação de oito comandantes derrotados. Teve a mesma atitude em 404, quando lhe foi pedido que votasse pela condenação à morte de Leão de Salamina. Em 400 a. C., foi acusado de impiedade e de corrupção da juventude. Os acusadores pediram a pena de morte, esperando que Sócrates se salvasse indo para o exílio antes da instauração do processo. Mas ele enfrentou o processo e serenamente fez sua própria defesa. Foi condenado à morte. Podendo propor uma pena alternativa, sugeriu uma pequena importância em dinheiro. Irritado, o tribunal confirmou a sentença de morte, que o próprio Sócrates executou, bebendo a cicuta (veneno extraído de uma planta do mesmo nome) (MONDIN, 1996, p. 44).

Sócrates é tido como um dos maiores pensadores da história da humanidade. E, no entanto, nós só o conhecemos através do testemunho de seus discípulos e pela lenda que se formou em torno dele, como a de sua morte heróica. É considerado um marco divisório da história da filosofia grega. Por isso, os filósofos que o antecederam são chamados de pré-socráticos e os que o sucederam, de pós-socráticos. O próprio Sócrates não

INTRODUÇÃO

Sócrates, o interrogar magistral, dedicava-se ao que considerava, desde certo momento de sua vida, sua missão: "Dialogar com as pessoas". Mas dialogar de modo a fazê-las tentar justificar os conhecimentos, as virtudes ou as habilidades que lhes eram atribuídas, pois segundo ele o homem age retamente quando conhece o bem, e conhecendo-o não pode deixar de praticá-lo, pois ninguém faz o mal voluntariamente.

Sócrates (REALE, 1994, p.110) valorizou a descoberta do homem pelos sofistas, orientando-a para os valores universais. Ele opera uma revolução no tradicional quadro de valores, pois segundo ele, os verdadeiros valores não são aqueles ligados às coisas exteriores, como a riqueza, o poder, a fama, e tão pouco os ligados ao corpo, como a vida, o vigor, a saúde física e a beleza, mas somente os valores da alma, que se resumem todos no conhecimento. E a alma é feliz quando é ordenada, ou seja, virtuosa. Para ele, quem é virtuoso, é feliz, ao passo que o injusto é malvado e infeliz.

Considerando o autodomínio como a base da virtude, cada homem deveria procurar tê-lo, pois o homem virtuoso não pode sofrer nenhum mal, nem na vida nem na morte. Sócrates tinha a firme convicção de que a virtude já tem o seu prêmio intrinsecamente, em si mesma, isto é, essencialmente: assim, vale a pena ser virtuoso, porque a própria virtude já constitui um fim. E, sendo assim, para Sócrates, o homem pode ser feliz nesta vida, quaisquer que sejam as circunstâncias em que lhe cabe viver e qualquer que seja a situação no além. O homem é o verdadeiro artífice de sua própria felicidade ou infelicidade.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 6 |
| Capítulo I | |
| Sócrates: Vida..... | 7 |
| Capítulo II | |
| Problemática do homem | 9 |
| Capítulo III | |
| Essência do homem..... | 13 |
| Capítulo IV | |
| Principais concepções sobre o bem e o mal..... | 14 |
| Conclusão | 17 |
| Referências bibliográficas | 18 |

DEDICATÓRIA

“As flores espalham generosamente seu perfume na atmosfera. Para atrair os insetos?

Mais do que os insetos. Quem se delicia é o homem.

As flores parecem se alegrar com a satisfação dos homens. Se até as flores procuram dar o melhor de si a todos, os homens têm muito mais obrigação de se dar aos seus semelhantes, espontaneamente e alegremente.

Não pense que seja desperdício. Uma pequena boa ação sua estará salvando algo, apoiando alguém, sendo útil de algum modo, transmitindo a verdade e a beleza no mundo”.

Dedico esta monografia em primeiro lugar a Deus, criador de todas as coisas.

Ao meu esposo José Sézio, que muito me apoiou nesta batalha de acadêmica.

Aos meus filhos: Fábio e Franciele, meu genro Cristiano e minha querida netinha Kamyly Victória com todo amor e carinho.

Em “especial” minha mana do coração, Linastern, que sempre está do meu lado, me ajudando, incentivando, nos momentos difíceis e alegres da minha caminhada.

Ao meu orientador, Rogério Vieira Jacinto, pela sua dedicação e compreensão, com muito carinho.

Dedico ainda aos meus colegas de classe e professores pelo esforço e carinho para com minha pessoa.

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Data: 08 de junho de 2005.

Hora: 21:00 h

Local: Sala do 7º Período de Filosofia

Acadêmico(a): VÂNIA FLORENTINO DE SOUZA

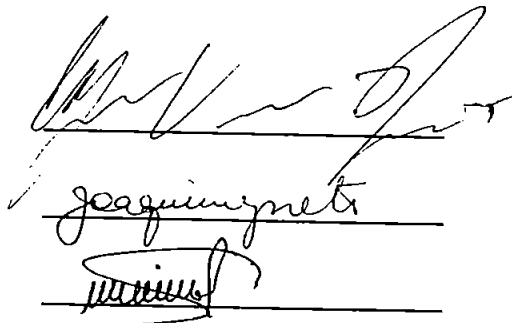
Título: Virtude no pensamento socrático

Componentes da Banca:

Orientador(a): Rogério Vieira Jacinto

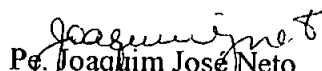
Joaquim José Neto

José Geraldo Trindade



Nota: 9,8

Rubiataba, 08 de junho de 2005


Pe. Joaquim José Neto
Coordenador do Curso

"A alma nos ordena conhecer aquele que nos
adverte: 'Conhece-te a ti mesmo'".

Sócrates.

Centro de Ensino Superior de Rubiataba – CESUR
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER

VIRTUDE NO PENSAMENTO SOCRÁTICO

Vânia Florentino de Souza

2005

Vânia Florentino de Souza



VIRTUDE NO PENSAMENTO SOCRÁTICO

Trabalho monográfico apresentado à banca examinadora da FACER, presidida pelo professor Rogério Vieira Jacinto, como requisito parcial para conclusão do curso de Filosofia.

S-30697

| | |
|-----------|----------|
| Tombo n° | 10531 |
| Classif.: | |
| Ex.: 1 | |
| | |
| | |
| Origem: | d |
| Data: | 09-09-05 |